



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – PROEAD
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO**

ALIANNA BATISTA DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOCENTE: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
NA FORMAÇÃO DA PESSOA SURDA**

CAMPINA GRANDE- PB

2019

ALIANNA BATISTA DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOCENTE: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA
FORMAÇÃO DA PESSOA SURDA**

Monografia apresentada ao Curso de Tecnologias Digitais na Educação da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para obtenção do título de especialista em Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos.

CAMPINA GRANDE- PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Alianna Batista da.
Narrativas de memória docente [manuscrito] : educação a distância na formação da pessoa surda / Alianna Batista da Silva. - 2019.
55 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Tecnologias Digitais na Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."
1. Educação. 2. Educação a Distância. 3. Inclusão digital.
4. Surdos. I. Título

21. ed. CDD 370.1

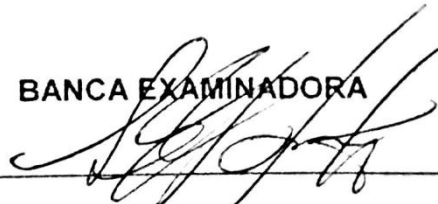
ALIANNA BATISTA DA SILVA

NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOCENTE: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA
FORMAÇÃO DA PESSOA SURDA

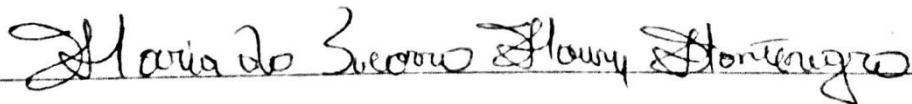
Monografia apresentada ao Curso de
Tecnologias Digitais na Educação da
Universidade Estadual da Paraíba como
pré-requisito para obtenção do título de
especialista em Tecnologias Digitais na
Educação.

Aprovada em: 29/03/2019.

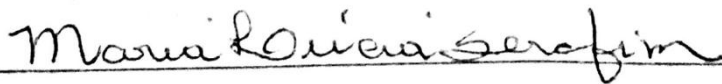
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª LÍGIA PEREIRA DOS SANTOS- UEPB
ORIENTADORA



Prof.ª Dr.ª MARIA DO SOCORRO MOURA MONTENEGRO- UEPB
EXAMINADORA



Prof.ªMs. MARIA LÚCIA SERAFIM- UEPB
EXAMINADORA

A minha mãe Maria da Paz Silva, que sempre dizia que eu iria ser professora, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por todas as oportunidades proporcionadas por meio desta especialização. Nestas breves linhas tenho apenas certezas que até aqui nunca foi sorte ou acertos, sempre foi ELE!

Agradeço a instituição UEPB pelo curso ofertado. Aos professores do curso que com simplicidade e sabedoria se tornaram exemplos de vida para mim. Aos colegas da turma que tive a oportunidade de conhecer e conviver durante esse período de 2 anos.

Agradeço a minha orientadora a professora Lígia Pereira dos Santos por aceitar o convite de participar desta pesquisa. E as professoras Maria do Socorro Moura Montenegro e Maria Lúcia Serafim, por gentilmente aceitar o convite de participar da banca.

De modo carinhoso agradeço a professora Jacir Cordeiro por se dispor a participar deste trabalho como principal objeto de análise, sem ela nenhuma destas linhas teriam sido construídas.

Agradeço a minha mãe pelo carinho e compreensão de todos os momentos. As minhas irmãs e ao meu irmão por serem a base. Obrigada por tudo.

Agradeço de modo especial as minhas amigas que guardo do lado esquerdo do peito, Jéssica Salvino que nessa correria da vida acadêmica caminha comigo em todos os horários dividindo os “rojões”, como a Karla da Silva pelas risadas, por sempre me escutar e apoiar. Vocês são únicas!

RESUMO

Este trabalho se deteve ao estudo da temática que envolve pessoas surdas, a partir da qual temos a possibilidade de investigar, por intermédio de narrativas de memória docente, a representatividade da Educação a Distância- EaD para surdos na cidade de Campina Grande- PB. Com o principal objetivo geral desse estudo visa analisar, a partir do diálogo entre memória e educação de surdos, a trajetória educacional destes, mediante a narrativa e representatividade do olhar docente, frente a EaD. Para a escrita que se segue, o estudo é trabalhado por meio das contribuições dos principais autores, tais como Hall (2000), Certeau (2008), Alberti (2004), Bondía (2002), Alves (2009), Poker (2007), entre outros, para que se possa tecer o enredo de segmentos que se conectam direta e indiretamente com as discussões de História da Educação e inclusão digital de surdos. Assim, nossa metodologia se fez realizada com respostas cedidas por uma entrevista concebida por uma das professoras pioneiras na educação de surdos na cidade. Compreendemos, então, que a história de vida docente contribuiu para a história da educação de surdos quando se analisam as mudanças e transformações que foram acontecendo com a evolução educacional desse grupo, no recorte temporal entre os anos de 1980 – 2018, por meio da pesquisa realizada no ano de 2018.

Palavras- chave: Memória docente. Surdos. Educação a Distância- EaD. Inclusão Digital.

ABSTRACT

This work focused on the study of the subject involving deaf people, from which we have the possibility to investigate, through narratives of teaching memory, the representation of Distance Education - Distance Education for the Deaf in the city of Campina Grande - PB. The main objective of this study is to analyze, from the dialogue between memory and education of the deaf, the educational trajectory of these, through the narrative and representativeness of the teacher's view, vis-a-vis the ED. For the writing that follows, the study is worked through the contributions of the main authors, such as Hall (2000), Certeau (2008), Alberti (2004), Bondía (2002), Alves (2009), Poker (2007) , among others, so that we can weave the plot of segments that connect directly and indirectly with the discussions of History of Education and digital inclusion of deaf people. Thus, our methodology was carried out with answers provided by an interview conceived by one of the pioneering teachers in the education of the deaf in the city. We understand, then, that the history of teacher life contributed to the history of deaf education when analyzing the changes and transformations that were happening with the educational evolution of this group, in the temporal cut between the years of 1980 and 2018, through the research held in the year 2018.

Keywords: Teaching memory. Deaf people. Distance Education - EaD. Digital Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Convite das formandas em Pedagogia, turma 82.2. **34**
- Figura 2.** Colação de grau do curso de Pedagogia. **35**
- Figura 3.** Professora Jacir Cordeiro e a filha diante da placa de formatura da Turma de Pedagogia, a qual tem em destaque seu nome como uma das concluintes do curso. **35**

LISTA DE SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
EaD	Educação a Distância
EDAC	Escola Estadual de Audiocomunicação de Campina Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OSPB	Organização Social e Política do Brasil
TIC's	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 TECENDO ENREDOS E PERCEPÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DOS SURDOS	15
1.1 Memória e identidade no contexto da História Cultural.....	15
1.2 Surdos em evidência: Cotidiano e representações na EaD	21
2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOCENTE: REPRESENTATIVIDADE DA EaD PARA SURDOS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE	27
2.1 Narrativas de memória docente: Educação de surdos	27
2.2 Trajetória docente: A representatividade da EaD para surdos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54

INTRODUÇÃO

Pretendemos com este estudo analisar a história de vida docente tendo como fonte de informação narrativas no tocante ao processo das pessoas surdas no contexto da Educação a Distância- EaD em Campina Grande- PB. Quando fazemos este caminho dentro da área de estudo de Tecnologias Digitais na educação tornamos possível compreender o quanto as tecnologias revelam em cada espaço e tempo suas adaptações e mudanças para a vida das pessoas, neste caso as da pessoas surdas.

O resgate da memória da docente Jacir Cordeiro nos possibilitou trazer o registro, através da escrita, da revelação da concepção de EaD enquadrada em um determinado espaço geográfico e em um período de tempo, de modo que a Educação a Distância – EaD é uma modalidade de ensino que atualmente vem sendo uma oportunidade de cerca de 1,5 milhões¹ de brasileiros adentrar no ensino superior, entre esse número encontramos pessoas surdas que ao fazer uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação- TIC's passam a ter oportunidades múltiplas de se alcançar estímulo na aprendizagem e promover habilidades necessárias para a sociedade que constantemente busca desenvolver praticidade em diversas áreas do conhecimento.

Tecnologia é um termo de origem etimológica na palavra grega "Téchné", que significa "saber fazer". E o sufixo "logia", significa estudo. Deste modo, podemos dizer que o termo tecnologia é o estudo do saber fazer, estudo da técnica. Necessariamente pode fazer uso, ou não, da rede de internet. Podendo ser desenvolvida por diversos experimentos, buscando ações de transformação da realidade a qual o sujeito está inserido, envolvendo técnicas, métodos e recursos.

O ser humano faz uso do saber fazer desde tempos remotos, com invenções que até hoje são importantes, como a invenção da roda e do fogo, a invenção da bússola, das máquinas de fiar, entre outras. Para adaptações em cada contexto histórico o ser humano vai se reinventando por meio da busca do saciável saber fazer.

¹ <https://veja.abril.com.br/educacao/ead-15-milhao-de-pessoas-estuda-a-distancia-no-brasil/>

No século XXI, os sujeitos do tempo presente experimentam as tecnologias digitais para diversas finalidades, que de modo democrático visa ser um dos meios em que todas as pessoas possam fazer uso, provendo aprendizagem e inclusão. A tecnologia auxilia a EaD por meio dos recursos de cartas, rádios, televisão, computadores, rede, transformando e se readaptando no processo de conhecimento, com os meios de comunicação, técnicas de ensino e metodologias de aprendizagem.

Deste modo, para a pesquisa que se realizou, tivemos a oportunidade de atentar para as possibilidades que surgiram nas plurais tessituras que apontaram para a visibilidade da história de pessoas surdas, dando importância ao tema tecnologias digitais na educação como um dos recursos de inclusão. A temática de pessoas surdas nos permitiu ter conhecimento de sua história, a partir da qual tivemos a possibilidade de analisar, por intermédio de narrativas de memória docente, a representatividade da EaD para surdos no município de Campina Grande- PB.

O trabalho com a memória² docente nos remete(u) a compreender a história dos surdos ao trazer contribuições para estudos e pesquisas que articulem tecnologia e inclusão, no contexto da história da educação brasileira, a partir da realidade de Campina Grande, no aspecto da EaD. Este tipo de pesquisa confere importância e perceptibilidade à participação da docente no espaço da sala de aula, na abordagem de direcionamentos sobre discussões entre memória e prática docente, mediante as experiências vividas que se reconstróem do passado ao tecer representações no presente.

Em razão disso, o objetivo geral desse estudo visa analisar, a partir do diálogo entre memória e educação de surdos, a trajetória educacional destes, mediante a

² Em Bergson, a memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas. A memória brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria, que, por sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa lembrança. Halbwachs, na esteira de Durkheim, não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. A memória não é, para ele, fruto do sonho, mas do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do pretérito. Não se trata de reviver o passado tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades. Ninguém melhor que o velho, pondera Halbwachs, para exercer a função social de lembrar. Disponível em: SOBRE MEMÓRIA E SOCIEDADE. Paulo de Salles Oliveira file:///D:/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Documents/Downloads/69273-Texto%20do%20artigo-91585-1-10-20131220.pdf. REVISTA USP • São Paulo • n. 98 • p. 87-94 • JUNHO/JULHO/agosto 2013 Acessado em 02 de março de 2019.

narrativa e representatividade do olhar docente, frente a EaD. Tendo como objetivos específicos, apresentamos as seguintes perspectivas: Discutir sobre a memória de história de vida docente e a construção histórica da educação de surdos, como também analisar as representações construídas pela docente Jacir Cordeiro de sua experiência na docência para com pessoas surdas, articulando a construção da trajetória docente da mesma na representatividade do início de cursos EaD na educação de surdos no município de Campina Grande.

Justificamos a escolha da temática abordada por este trabalho por meio da memória, seja individual, seja coletiva da docente pesquisada, por entender que sua narrativa está relacionada, tanto com a sua história de vida, como com a sua trajetória educacional, já que se situava em um contexto histórico e social no qual se tinha preocupação em construir espaços de sentidos e significados para os surdos. Por isso, a educação direcionada para pessoas surdas era praticamente inexistente em nossa região.

Assim como, justificamos a realização desta pesquisa, no tocante à escolha do sujeito dessa pesquisa, que se direcionou para uma das docentes pioneiras na educação de surdos do município de Campina Grande, por ser uma das profissionais que se destacou, em razão de ter sido uma professora comprometida politicamente com a educação do nosso país e, mais especificamente, comprometida politicamente com a educação da cidade de Campina Grande – PB, uma vez que a mesma fez parte da primeira turma do curso de Pedagogia – Habilitação para Surdos - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, na época, atualmente - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Tendo a oportunidade ímpar de participar da evolução comunicativa da linguagem de sinais e gestos. Como também participou diretamente da formação das primeiras turmas de EaD, com iniciativas de práticas pedagógicas no ensino superior no processo de inclusão digital para o público de surdos de nossa localização.

Para a escrita que se segue, o estudo é trabalhado por meio do viés do campo da História Cultural³, ao contribuir com o entendimento subjetivo que decorre

³ A História Cultural é uma abordagem de estudo que faz referência a “cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida”, tendo como base os aspectos de práticas e representações, que caracterizam estudos direcionados no campo da História Cultural. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Roiz.pdf.

sobre a construção da memória docente, a qual dialogamos com alguns autores, tais como Hall (2000), Certeau (2008), Alberti (2004), Bondía (2002), Alves (2009), Poker (2007), entre outros, para que se possa tecer o enredo de segmentos que se conectam direta e indiretamente com as discussões sobre EaD e História da Educação de Surdos.

Temos o entendimento de que a oralidade “é uma metodologia que permite a produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2003, p. 23). Ao utilizá-la como registro de experiências caracterizadas pela arte de contar, dispomo-nos, diante dos labirintos da memória, a pensar de que modo a representação se faz construída por meio das ações e práticas narradas do relato de vida.

A importância de entrevistas de modo oral para a pesquisa que se estruturou de modo qualitativo considerou a parte subjetiva da aplicabilidade de uma entrevista realizada mediante a elaboração de um questionário direcionada para a experiência do passado de determinada pessoa que narra lembranças, assim, compondo nossa metodologia para a realização deste trabalho. Propondo a combinação entre a experiência vivida e o que foi concebido para que seja possível construir linhas de compreensão aos encontros e reencontros, continuidades e descontinuidades daquilo que já não volta mais. “É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do indivíduo único e singular em nossa história” (ALBERTI, 2004, p. 14).

“Longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade” (BORGES, 2005, p. 69). Assim, apropriamo-nos de algumas fotografias oriundas do arquivo pessoal da docente entrevistada, as quais foram gentilmente cedidas por ela. Como fonte histórica, tais registros contribuem objetivamente com o envolvimento dos acontecimentos, erigindo a representação real e simbólica de determinado momento, levando a conhecer as sensações e pressupostos que marcam determinada imagem através de seus personagens. As fotografias se entrelaçam com a narrativa, privilegiando ambas na pesquisa.

Ressaltamos que, no decorrer deste trabalho, sempre que nos referirmos a docente entrevistada, citaremos seu nome popularmente conhecido entre colegas, professores e alunos: professora Jacir Cordeiro. Esta, por meio de sua memória, buscou enfatizar momentos escolares da profissão, dos acontecimentos e fatos registrados durante os anos de atuação no polo de EaD, no município de Campina Grande.

As narrativas possuem a potencialidade de fazer seus espectadores viajarem no tempo, pois estamos percebendo os lugares da memória em que o tempo nos agracia ao nos permitir conhecer. Desejo que as palavras do enredo de vida desta docente tragam uma leitura agradável!

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, intitulado *Tecendo enredos e percepções na construção da história dos surdos*, caminhamos na direção de conceitos e categorias relevantes para se pensar a memória docente, construção de identidade e representatividade dos surdos.

No capítulo seguinte, *Narrativas de memória docente: Representatividade da EaD para surdos no município de Campina Grande*, nós nos voltamos às narrativas proporcionadas através das vivências e experiências tecida pela docente entrevistada em sua história de vida.

1 TECENDO ENREDOS E PERCEPÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DOS SURDOS

*“Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo o mundo é igual”.*

(Manuel Bandeira)

Nesse capítulo nos propormos analisar os conceitos de identidade e memória, por meio de aspectos que nos auxiliem a compreender as subjetividades presentes na construção do olhar docente. Como também, nos direcionarmos para a construção da história de pessoas surdas, mediante as mudanças e transformações sociais da trajetória educacional, buscando refletir sobre como a Educação a Distância- EaD pode vir a contribuir para a educação de surdos.

1.1 Memória e identidade⁴ no contexto da História Cultural

A arte de escrever sobre os acontecimentos na contemporaneidade vem possibilitando nas últimas décadas no campo da História um espaço rico de multiplicidades. Por volta de meados do século XX, foram se fixando diversas modalidades de escritas importantes para que se ampliassem as perspectivas investigativas sobre a descrição dos fatos, tornando a escrita moderna caracterizada pelas suas especificidades.

O campo da História foi se apropriando de uma riqueza de possibilidades minuciosas, em que cada modalidade, ao se restringir em sua temática, mantém uma inter-relação com outras abordagens teóricas presentes no saber da escrita. São momentos em que o movimento de interdisciplinaridade surge como consequência de uma busca maior de possibilidades dentro das instâncias de estudo.

⁴ de acordo com Stuart Hall (2010), podemos compreender identidade como um processo de identificação que se faz construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum.

Para a escrita que se segue, optamos por trabalhar pelo viés da História Cultural, pelo fato de esta área do conhecimento oferecer uma amplitude maior em seus objetos de estudo, partindo das representações a serem abordadas por meio do cotidiano e das práticas exercidas pelos sujeitos que compõem a sociedade. Buscando principalmente refletir sobre as contribuições que essa modalidade teórica pode oferecer aos estudos e perspectivas sobre as subjetividades que atuam na formação das representações da história e da cultura de pessoas surdas, ao partir da perspectiva das narrativas de memória docente procuramos fazer referência ao acontecer e ao fazer do cotidiano das vivências trilhadas, por esses sujeitos. Enquanto pesquisadores, de comum acordo com (STROBEL, 2009, p. 07) podemos compreender que:

Nós sabemos que com a história de educação dos surdos nós pesquisamos e investigamos o passado dos povos surdos e das comunidades surdas, procurando obter episódios e compreender as suas realizações linguísticas, educacionais, sociais, políticas e culturais. Com estas investigações permite-nos conhecer os acontecimentos e as consequências das transformações pelas quais passou o povo surdo e fornecer informações que ajudam a explicar as comunidades surdas atuais.

Investigar as normas culturais através dos acontecimentos do cotidiano é uma maneira de se entender as transformações das práticas e “representações culturais” que foram acontecendo com a sociedade no decorrer do tempo. Ao obedecer a processos e padrões transpassa as múltiplas formas de se pensar e sentir, os costumes e os modos de convivência nos percursos da história. Em números indefinidos, esses objetos culturais são simplesmente a realidade social desses sujeitos, a ser decifrada através das subjetividades presentes.

Ao observarmos as práticas e representações culturais que muitas vezes passam a caracterizar determinado grupo social, percebermos que, em alguns aspectos, podemos encontrar uma profunda relação com os conceitos de memória e/ou identidade.

Para nós, coloca-se a necessidade de um mergulho nas profundezas insondáveis das águas do imenso oceano da memória, alias, e seus

mares: o da lembrança e o do esquecimento. Pois, se a memória é composta por mecanismos de depósito, armazenamento, retenção, também o é mecanismo de seleção e descarte. Trata-se de um oceano de águas sempre agitadas, sempre vivas (GONÇALVES, 1999, p.13).

Ao buscar conceder voz ao passado que, em determinado momento, foi preservado em algum mecanismo de depósito que compõe a memória, cabe ao pesquisador dar movimento a essas vozes que estão silenciadas, quer seja no esquecimento ou nas lembranças. Com isso, o conceito de memória é de fundamental importância no tecer da escrita, pois, nesta pesquisa, nos permitirá perceber a história de pessoas surdas na trajetória do campo educacional do Ensino a Distância- EaD por meio das narrativas de memória docente.

Os lastros que constituem a memória do ser humano fazem-no reviver momentos e situações que nem ele é capaz de decifrar. Logo, podemos concluir que, como um novelo de lã com o qual podemos começar um simples tricô, entre um ponto e outro, sempre é possível acrescentar mais um ponto e esse fio vai rendendo e rendendo. Quando julgamos ter chegado ao fim, podemos sempre ao fim de um ponto recomeçar outro, através de um novo novelo.

Podemos dizer que, assim como um novelo de lã, a memória guarda dimensões de ricas recordações sobre suas vivências, as quais abrangem, dentre outros aspectos, as maneiras como estabelecer conexão entre o passado e o presente. Ao fazermos referência a memória docente, a vida dentro e fora dos espaços educacionais acaba por se condicionar como legítimos “lugares de memória”, em que passam a resgatar momentos vividos em meio ao leque de experiências proporcionada pela trajetória docente.

No entanto, entenderemos por meio da narrativa da professora Jacir Cordeiro, como as lembranças são marcadas e atravessadas por dimensões de acontecimentos que interligam docência e desafios na vida profissional e social, constituindo na formação de sua identidade enquanto mulher e professora.

Por meio disto, podemos analisar como as memórias de determinado grupo social vêm a determinar a construção de identificação dentro do processo de perceber as identidades instituídas, atuantes nos reservatórios da memória. Sendo também na preservação do passado que podemos encontrar um lugar de construção da identidade, pois podemos compreender que a identidade de um

determinado grupo social é formada por meio dos registros históricos que marcaram a memória. Ao se sentir pertencente a algum grupo social, o sujeito busca seu lugar, onde suas práticas culturais estão refletidas. É interessante pensarmos como a memória atribui sentidos, dando movimento à construção da identidade ao sujeito.

No decorrer dos vários escritos em torno do conceito de identidade, muitas foram as construções discursivas. Entretanto, ao fazer uma análise sobre a forma como o conceito de identidade vem sendo abordado por algumas concepções teóricas, a exemplo das elaboradas por Stuart Hall, constatamos que

A identidade é um desses conceitos que operam “sob-rasura”, no intervalo entre inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chaves não podem ser pensadas (HALL, 2000, p. 104).

O conceito de identidade no direcionamento da abordagem de memória docente possui fatos que evidenciam no município de Campina Grande- PB elementos essenciais para elucidar como se deu o processo de formação da cultura de pessoas surdas e das subjetividades que acompanham as práticas desenvolvidas por elas no cotidiano, além das formas de representação alcançadas na construção dos espaços educacionais.

Apesar de ainda sujeito a discussões, o conceito de identidade enfatizado no processo de subjetivação se dá através da “identificação” ao ser “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum” (HALL, 2000, p.109), seja nas características ou ideais que opera dentro de um discurso de diferença. Assim, determinado grupo social difere ou não de outro por causa de um objetivo em comum, de uma identidade em comum dentro do processo de identificação, de ver no outro alguma semelhança, de poder compartilhar algo em comum. Em acordo, para Hall (2000, p. 109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior de um jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da diferença e da exclusão do que o signo de

uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu lugar tradicional, [...] sem diferenciação interna.

O sujeito, então, é convidado a ocupar o seu lugar por meio do reconhecimento de si próprio. O processo de formação do sujeito social tem por base a perspectiva de produzir as subjetividades no indivíduo através da produção do eu. O processo de “identificação” encaminhará o sujeito para uma autossensação de pertencimento e, conseqüentemente, os sujeitos passam a ocupar seus lugares.

A cultura dos surdos passou a se fortalecer dentro desse processo de identificação, proporcionada pelo tempo e olhares da história enquanto sujeitos que também possuem práticas e formas discursivas. Os reflexos do modo de ver e pertencer a um determinado espaço construído tornou a linguagem de sinais e gestos uma modalidade específica de construção do processo de identidade comum desse grupo. Como sujeitos existentes na sociedade desde a antiguidade, porém não aceitos; vem a ser na atualidade o momento de maior busca de evidência e representatividade em alcançar espaços além dos idealizados para pessoas com ausência auditiva. A medida que o processo de se fazer pertencer a uma cultura de valorização da comunicação de gestos e sinais tornou cada vez mais este tipo de linguagem uma expressão de cultura, possibilitando conquistas na vida social das pessoas que integram a comunidade surda.

Deste modo, compreende-se por surdez a ausência, perda ou diminuição considerável do sentido da audição. Se fazendo existir grupos de surdos que adquirem depois de adultos e os que já nascem com a ausência auditiva. Uma pessoa considerada surda tem como referência a linguagem que lhe é transmitida através do uso de gestos e sinais, se fazendo pertencente à comunidade de pessoas surdas que por sua vez tem uma cultura e língua própria.

Para se fixarem como grupo social autônomo os surdos passaram por um longo processo nas linhas que configuram sua história. Primeiramente, na antiguidade os surdos eram vistos como pessoas incapazes de conviverem na sociedade de igual modo das outras pessoas a qual não tinham ausência da audição, pois representavam castigos divinos ou feitiçarias, o ideal deveria sacrificar-lós pelo bem da sociedade. Por volta do século XVIII, na Alemanha, para diminuir a surdez e normalizar as pessoas que eram surdas foi direcionado para esse grupo a

metodologia do Oralismo, método de ensino que consistia na oralidade das palavras para a aprendizagem da língua do país de origem, possibilitando a estimulação auditiva que “levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte, desenvolvendo sua personalidade como a de alguém que ouve” (POKER, 2007, p. 05). Durante esse momento, o Oralismo foi difundido para o mundo todo como método principal.

Sem obter devido sucesso o Oralismo é no ano de 1960 substituído pela metodologia da Comunicação Total, a qual se baseia em “uma filosofia que requer a incorporação de modelos auditivos, manuais e orais para assegurar a comunicação eficaz entre as pessoas com surdez” (POKER, 2007, p.06). Na Comunicação Total os surdos deveriam desenvolver a oralidade somada a gestos, repercutindo para o que viria mais a frente, em especial nos anos de 1980, quando estudos direcionados para a linguística dão importância específica a língua de sinais, como um modo de comunicação e linguagem de maior representatividade para os surdos evidenciando no que ficou conhecido como Bilinguismo.

Criado como metodologia a qual a comunicação da língua de sinais e gestos será utilizada somada ao uso da língua oficial do país. Neste sentido, no Bilinguismo a língua de sinais se torna a língua natural dos surdos, adaptada a sua expressão, como língua materna e primeira, e como segunda, não podendo ser ignorada, a língua falada nacionalmente, devendo ser utilizadas conjuntamente.

Assim, faz-se interessante perceber que a história de surdos se difere das demais pessoas, por entender que, apenas no fim do século XX grupos de pessoas surdas e comunidades surdas passaram a ter outra representatividade no que se refere ao contexto histórico de construção cultural e fortalecimento da identidade desses sujeitos. A autora Karin Strobel descreve como a história dos surdos é a nível mundial dividida:

Na história de surdos dividimos em 3 grandes fases: 1. Revelação cultural: Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos. 2. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais

na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral. 3. O despertar cultural: a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o re-nascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos (STROBEL, 2009, p. 12).

As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas, pois na construção de se fazer possuir uma cultura marcada pelas várias resistências linguísticas, educacionais, sociais, políticas e culturais, a oficialização da linguagem por meio de sinais e gestos evidenciou uma conquista de extrema importância, ao registrar na história a valorização da comunicação de uma linguagem que interage pela representatividade que cada vez mais ganha pertencimento.

1.2 Surdos em evidência: Cotidiano⁵ e representações na EaD

Atualmente o modo de comunicação por parte das pessoas surdas é o que mais evidencia a identidade desse grupo em suas representações cotidianas. A língua de sinais se tornou tão importante quanto qualquer outra, fruto de conquistas e autonomias provocadas pela busca do respeito à diferença cultural que ao ser usada oficialmente vai além de um tipo de apoio ou recurso. É nada mais que uma manifestação linguística-cultural marcada por trajetórias de resistências e práticas de representatividade que faz referência a um grupo da sociedade que tem registros históricos que ainda muito se tem a analisar, pois possuem poucos escritos e registros a partir da visão dos próprios surdos, sendo em sua maioria ainda uma história para eles direcionada tecida por ouvintes.

Com as possibilidades de escrever história de grupos tidos como minorias, temos a oportunidade de dar maior evidência, resgatando na medida do possível os percursos a qual esses sujeitos se fizeram e fazem presentes. Partindo do ponto que a história é um caminho que se segue sem saber ao certo o que irá se descobrir, por ser um trajeto ligado a várias trilhas, a única certeza é que quanto mais nos

⁵ “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (CERTEAU, 1996, p. 31).

permitimos caminhar inúmeras descobertas das práticas dos sujeitos e de suas histórias cotidianas podem ganhar múltiplos sentidos.

No ano de 2002, com a Lei 10.436, de 24 de abril, se faz reconhecida como língua oficial para surdos do Brasil a Língua de Sinais Brasileira- Libras, oficializada como riqueza comunicativa linguística e cultural dos surdos possibilitando a valorização da língua de sinais e o contato com novas culturas e conhecimentos, se tornando uma linguagem importante no âmbito educacional ao possibilitar ao alunato que faz parte desse grupo específico uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem, de modo que a inclusão possa ir além dos limites promovidos pela sala de aula, “tendo em vista as necessidades educacionais dos surdos, é fundamental conhecer as especificidades desse aluno, e pensar no atendimento de forma pontual e direcionada” (NASCIMENTO, ABREU & SANTANA, 2015, p. 02).

De modo que, ao realizar um censo para avaliação social do país, a cada 10 anos o Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico- IBGE busca analisar qual o perfil e percentual base de pessoas consideradas surdas, entretanto “ao contrário do que muita gente pensa, o IBGE não perguntou se a pessoa usa aparelho auditivo, se a pessoa usa Libras, se a pessoa usa implante ou quanto decibéis ela ouve”⁶, o que nos impossibilita de especificar detalhes do perfil de surdos, mediante aspectos que acarreta valiosa análise quando se busca tecer estudos dos que compõem os alfabetizados ou não em Libras, os que frequentam o nível superior e qual o vínculo de ensino, entre outras possibilidades relacionadas a educação e identificação de inclusão e acessibilidade.

A nível nacional, segundo dados do último censo realizado no ano de 2010, de 190.755.799 pessoas que foram avaliadas na entrevista fazem parte da população residente com alguma ausência auditiva 5,1%, retratando ao que seriam 9.717.318 pessoas na época. Chamando-nos a atenção que o maior grupo se refere a homens que auto se avaliaram como negros ou pardos. “A deficiência auditiva foi declarada por 28,2% dos homens de 65 anos ou mais de idade, enquanto 23,6% das mulheres desse grupo etário declararam ter o mesmo tipo de deficiência”⁷.

⁶ Citação referente do site: <https://desculpenaooovi.com.br/afinal-quantos-surdos-existem-no-brasil-spoiler-ninguem-sabe/>

⁷ Idem.

Salientando na regularidade de crianças que frequentam escolas ou creches, pode ser observado que 31,2% da população geral frequentavam escolas ou creches, em relação aos 12,3% da população surda. Na análise em relação a alfabetização se faz interessante perceber a diferença entre a população geral e a população com ausência auditiva. Enquanto 89,5% da população geral, com 5 anos ou mais, era alfabetizada, em relação a apenas 75,5% dos surdos. Sendo o recorte geográfico da região Nordeste possuidor da menor taxa de alfabetização. Conquanto, com esses dados não fica explícito para avaliação se os surdos foram alfabetizados em Libras, em português ou não foram alfabetizados em nenhuma das duas línguas citadas.

Apesar de já se passarem quase 9 anos do último censo é importante frisar que são as estatísticas válidas até enquanto o outro não se faz realizado. Esses números que possivelmente tendem a aumentar por diversos fatores de aspectos sociais, tais como: aumento das taxas de natalidade, envelhecimento da população, já que a perda degenerativa da audição acaba sendo um processo natural do envelhecimento, como também se faz relacionado a alguns problemas auditivos adquiridos em diversos setores de trabalhos, entre outras características.

Desse modo, para as pessoas surdas e as comunidades de surdos, a possibilidade de seguir outros caminhos na área da educacional desconstruindo uma cultura escolar pronta e preparada para pessoas ouvintes, é de fundamental importância em meia a busca de conquistas de visibilidades e ocupação de múltiplos espaços, já que a cultura escolar que vigora é direcionada para sujeitos que não possuem nenhuma deficiência, precisando os espaços educacionais se adaptar e ampliar sua percepção para a diversidade de sujeitos que compõem nossa sociedade, como evidencia Sabino (2017), de modo que:

Tomamos como pressuposto o conceito de cultura e suas diferentes interpretações para pensarmos como a escola produz sua cultura e como a cultura escolar exclui a cultura de sujeitos identitários diferentes, tais como os sujeitos com deficiências. A escola enquanto instituição presente no meio social encontra-se também como produtora de cultura escolar. O ambiente escolar desde seu espaço físico, passando pelas redes de sociabilidades estabelecidas, até o cumprimento de regras, compõem os elementos da cultura escolar, objetivando homogeneizar os sujeitos (SABINO, 2017, p. 16).

Quando nos direcionamos para a representação de pessoas surdas nos diversos níveis de ensino podemos perceber que ainda são um grupo minoritário e que em muito precisamos avançar para cada vez mais promover inclusão nos espaços como um todo. Devemos incentivar desenvolvimento social em todas as áreas de aprendizagem, encaminhando ações que promovam a participação de surdos como uma proposta que contribua para a inclusão em diversas modalidades de ensino expandindo oportunidades e acesso além do ensino básico num processo de conhecimento sem limites.

Ao pensar no nível de ensino superior, uma importante modalidade de ensino que vem sendo no século XXI uma alternativa de inovação pedagógica e inclusão digital para pessoas surdas, entre outras opções, é o Ensino a Distância- EaD, que é uma metodologia de ensino direcionado para a auto- aprendizagem uma vez que docentes e discentes estão separados fisicamente e/ou temporalmente, partindo de uma comunicação síncrona ou assíncrona, se fazendo necessário o uso de um conjunto de recursos tecnológicos que são utilizadas de forma integrada, potencializando a aprendizagem e propondo a interação entre conhecimento e a informação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC's.

Na EaD ao fazer uso de computadores, vídeos, CD's, rádio, televisão, entre outros, com o suporte da internet ou não, a experiência da aprendizagem oferece ao aluno meios de direcionamentos para desenvolver estudos individuais, porém não isolados e limitados; uma vez que a EaD possui plataformas que direcionam as informações necessárias oferecendo aos discentes um leque de possibilidades em busca de leitura e conhecimento, com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, proporcionando estímulo ao acesso dos conteúdos, e desenvolvendo estratégias apropriadas para a realização do ensino ao promover

[...] um ambiente virtual dinâmico para a interação entre indivíduos e grupos, e ainda permitem a integração em diversos níveis de recursos, tanto de informação como de comunicação. Nesse sentido, essas tecnologias têm sido apontadas como a espinha dorsal para promoção e efetivação do paradigma educacional que propõe o aprendiz como autônomo e participante na criação da informação e do conhecimento (MARTINS, 2005, p.96).

Entretanto, os recursos tecnológicos direcionados dentro de uma perspectiva de inclusão de aprendizagem para discentes surdos no ensino superior oferecem possibilidades de múltiplos benefícios, pois novas salas de aula passam a serem integrantes nas modalidades de conhecimento, com o objetivo de democratizar a informação por meio da flexibilidade de espaço, tempo e ritmo.

Enfatizamos que, a modalidade EaD foi uma proposta de ensino que, desde 1996 ao ser aprovada na Lei de Diretrizes e Bases- LDB da educação brasileira, viu o quanto seria interessante esse modo de aprender para a propagação do conhecimento. Porém, planejada e programada inicialmente para a cultura dos ouvintes, quando os surdos inicialmente passaram a interagir com a EaD resultou em dificuldades que vieram a se transformar com o desenvolvimento de projetos direcionados para a aprendizagem educacional de pessoas surdas. Adaptações múltiplas foram sendo incorporadas as tecnologias, passando a serem usadas como recursos de metodologia pedagógica, evidenciando para a comunidade de surdos melhores desempenhos linguísticos, sociais e educacionais. De modo que:

A Educação a Distância (EaD) tem base fundamentada nas reais necessidades da sociedade vigente [...]. O aprimoramento das ferramentas da web tem oportunizado a realização da educação a distância é moldada para a atuação docente e discente de qualidade e ampla possibilidade na conquista de bons resultados. O potencial da EaD está nas possibilidades de comunicação e na organização metodológica, bem como, no alto alcance didáticos promovido pelas ferramentas de ensino (NASCIMENTO, ABREU & SANTANA, 2015, p.05).

O ato de ensinar em um espaço que não se limita aos muros de uma escola convencional torna esse tipo de aprendizagem desafiadora e motivadora para docentes e discentes, visto que o computador e a internet oferecem uma dinâmica de ensinar inovadores para o profissional da área, possibilitando um leque de recursos didáticos em um espaço que o docente faz acontecer do modo mais prático e criativo com base em uma metodologia que busca qualidade entre o que acontece naquele espaço virtual e o conhecimento produzido, despertando o interesse dos discentes e os incentivando na realização de atividades e pesquisas. Ao possuir papel pedagógico, o docente se torna estimulador do desenvolvimento crítico dos discentes ao transmitir confiança na construção do conhecimento.

Para os discentes surdos a EaD por meio da didática de aprendizagem num espaço virtual oferece autonomia e autodisciplina, buscando desenvolver estratégias com significados que auxiliem na construção de uma postura mais ativa e participativa com maiores habilidades e recursos tecnológicos possíveis como aplicativos, programas, softwares, vídeo-aulas, bibliotecas virtuais, entre outros presentes na plataforma da EaD. Exigindo envolvimento dos discentes quanto às aulas e o desenvolvimento do aprendizado, e conseqüentemente proporcionando para as pessoas surdas maior autonomia no que se refere ao Bilinguismo, uma vez que a relação entre a língua oral se faz presente na estrutura da EaD somada a necessidade de amadurecimento da Libras.

Salientando que o uso desses recursos ao ser utilizados pelos surdos difere quanto ao uso feito pelos ouvintes, visto que “para o surdo, a tecnologia serve principalmente para ampliar suas possibilidades de compreensão de si, do outro e da realidade que se apresenta a ele” (MARTINS, 2005, p. 111). No processo de inclusão quanto ao uso das tecnologias, para o desempenho da aprendizagem esses recursos auxiliam os surdos no seu desenvolvimento social e digital se fazendo interessante atentar para as adaptações que foram realizadas para pessoas surdas na perspectiva das interfaces, promovendo e facilitando melhor aprendizado com assistência das TIC's.

Ao desenvolver um método próprio de estudo, por meio da organização e disciplina considerando o comprometimento do estudante na EaD, partindo do princípio de inclusão digital e social, e valorização da Libras, é atribuído que os discentes acessem de modo interativo conteúdos inovadores e de maneira rápida mediante a percepção visual, promovendo inovação na metodologia de ensino para pessoas surdas, buscando abranger diversos cursos do ensino superior, partindo para a pós-graduação, construindo uma importante troca de experiências entre docentes e discentes, entre surdos e surdos, surdos e ouvintes, e o se fazer pertencente a nossa sociedade numa perspectiva de interação entre as culturas e as identidades ao oferecer acessibilidade e representatividade.

2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOCENTE: REPRESENTATIVIDADE DA EaD PARA SURDOS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE

“Não apresse o rio, ele corre sozinho”

(Barry Stevens)

Neste capítulo iremos abordar as vivências da trajetória docente da professora Jacir Cordeiro tecidas por meio de sua história de vida, construída através de suas narrativas endossadas por memórias que contam suas percepções sobre sua experiência com alunos surdos no município de Campina Grande- PB, desde a educação básica com as novas didáticas de aprendizagem e transformação quanto ao surdo na nossa sociedade, considerando a inserção dos surdos no ensino superior por meio de uma nova forma de aprendizagem com a Educação a Distância- EaD.

2.1 Narrativas de memória docente: Educação de surdos

A memória se faz tecida através de relatos que vão ganhando efeitos ao vislumbrar o passado vivido, ao ver como se deu a construção de um caminho de mais de 30 anos de experiência docente, envoltos em uma história de vida de trama profissional, social e emocional, em que as ações e emoções configuram um modo de ser e de agir de uma docente em um contexto histórico e cultural, determinado entre os anos de 1980 a 2018.

Por meio das lembranças podemos olhar para a escola como principal símbolo de representatividade na função da construção da identidade. Quando se começa a tecer um perfil de profissional docente, se faz testemunhado as múltiplas sensações repletas de sensibilidades produzidas em palavras na formação de sentidos e realidades do acontecido. Como salienta Bondía (2002), de modo que:

As palavras [narrativas] produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação [...]. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos

com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDÍA, 2002, p.21).

A vista disto, o foco desse trabalho é trazer a tona à narrativa direcionada à memória e a história docente do nosso sujeito pesquisado, que é a professora Jacir Cordeiro, que atualmente, tem 65 anos de idade. Mediante uma entrevista realizada a representação de suas lembranças se reconstrói dando sentido as palavras.

Inicialmente, deixamos a docente à vontade e devido a isso, ela, de forma natural, traz a sua memória o que, para ela, é extremamente significativo, por isso narra que com 10 anos de idade recorda-se que surgiu a necessidade de vim residir na cidade de Campina Grande para dar continuidade aos estudos, de modo que coincidiu com o contexto histórico do Centenário deste município. E, por volta do ano de 1964, estudou no Instituto Domingos Sábio e depois na Escola de Freiras de Santa Bernadete.

Conta-nos que aos 16 anos abandonou os estudos, quando fugiu para se casar e o seu marido na época não permitiu que fosse outra coisa além do que dona de casa. Porém, por não estar em comum acordo com o pensamento do marido tomou a atitude de estudar em casa, sozinha e as escondidas, com livros de suas irmãs, pois almejava obter uma realização pessoal e profissional além dos limites do seu lar.

No decorrer de sua vida, surgiu a possibilidade de fazer provas e avançar em nível de série escolar, ao antecipar os estudos por meio do supletivo, conseguiu ter “bom” êxito e assim realizar a prova de vestibular especial na Universidade Federal da Paraíba- UFPB, campus em Campina Grande. Segundo a entrevistada eram 35 pessoas para 1 vaga o que na época equivalia a um percentual de alta concorrência:

Quando eu passei, aí nisso aconteceu o vestibular especial na Federal, que foi quando criaram o curso de Pedagogia lá, que era uma parte de a gente se preparar para ensinar nas escolas normais, na preparação de professores, e a outra era para se trabalhar com

excepcionais, que era o nome que se usava né e que depois passou para o nome de deficiente de audiocomunicação, e depois bem na frente, quando a gente foi evoluindo mais, foi para educação de surdos. Então eu fiz esse vestibular, mas a concorrência era altíssima, o pessoal que sobrou de engenharia e medicina todo mundo correu para esse vestibular porque o pessoal não queria ficar sem fazer nada, durante seis meses quando abrisse outra turma, aí eu disse meu Deus o que eu vou fazer? Uma concorrência enorme, acho que deu 35 para uma vaga, ou era 30, era um faixa de mais de 30 para 1 vaga né, mas eu me escrevi e fiquei na expectativa (Depoimento da professora Jacir Cordeiro⁸).

Esse depoimento prova a insistência, a força de vontade e a superação da professora em cursar o curso superior, quando foi impedida pelo marido, mas sua determinação a fez seguir adiante na luta pelos seus ideais que, de certa forma, é concretizado quando, no ano de 1979, a música “Pequeno Burguês” do cantor e compositor Martinho da Vila se fazia transmitida na rádio celebrando e ao mesmo tempo provocando a euforia das pessoas em saber os nomes que se faziam presentes na lista de aprovados no vestibular da UFPB. Mesmo sem acreditar e com poucas expectativas, a professora Jacir Cordeiro teve a oportunidade de ouvir seu nome sendo anunciado como uma das aprovadas no vestibular de Pedagogia da UFPB, campus Campina Grande, em meio ao prazer do momento deixou soar em seus ouvidos aquele trecho da música que escutava momentos antes, no qual era pronunciado: “Felicidade passei no vestibular...”

Quando foi efetivar a matrícula do curso passou por uma pequena entrevista sobre o que lhe despertou para a escolha do curso, a mesma por ter um irmão deficiente físico tentou relacionar a aprendizagem com as contribuições que poderia vim a ter para com seu irmão. “Eu disse: Eu tenho um irmão que é deficiente, só que meu irmão era deficiente físico e lá se tratava de surdos entendeu? Aí eu disse que possa ser que assim eu estudando até atue melhor no cuidado dele” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro⁹).

No primeiro dia de aula no ensino superior, a sala de aula despertou sua atenção por ser uma sala em que as cadeiras estavam em formato de círculo e não enfileiradas como era comum para as salas de aulas convencionais da época. Aquele era um espaço de novas aprendizagens e

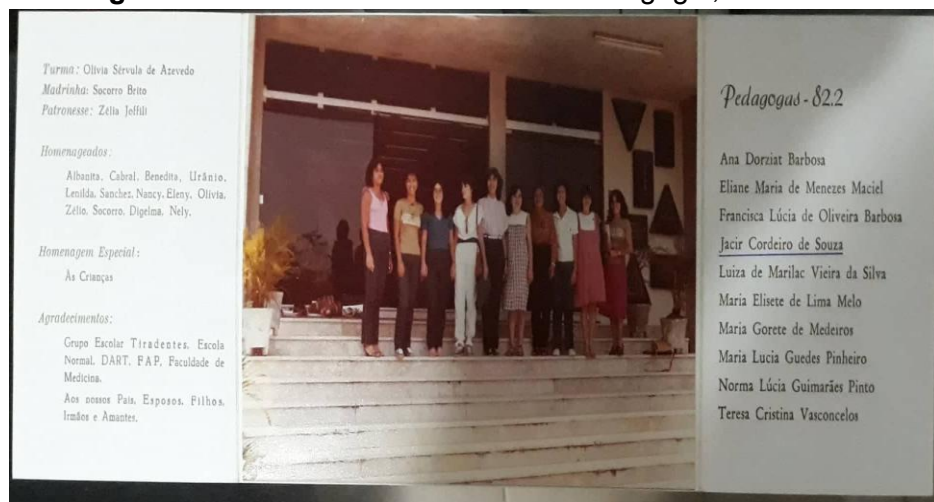
⁸ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

⁹ Idem.

valorização do conhecimento proporcionado pelas novas ondas teóricas dos estudos desenvolvidos por Piaget e Vygotsky¹⁰.

Como perfil a turma tinha 30 pessoas, com maioria mulheres já que o curso de Pedagogia representava para a época uma opção direcionada mais para elas do que para homens, por causa da construção de pensamento de que as mulheres possuíam mais habilidades com crianças. Desse número apenas 10 alunas concluíram o curso, pois a desistência e/ou o abandono era comum acontecer, pois a profissão de professora pedagoga na época era visto financeiramente menos favorável ao ser comparado com outros cursos, como engenharia e medicina. No registro fotográfico que se segue, podemos observar a turma de formandas do curso de Pedagogia da UFPB, entre elas a professora Jacir Cordeiro.

Figura 1: Convite das formandas em Pedagogia, turma 82.2



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

No transcorrer do curso, no período acadêmico houve a oportunidade de seguir para a prática docente a qual estagiou voluntariamente na escola pública de nome Santa Bernadete, com turmas de 35 a 40 alunos. No ambiente de trabalho aprendeu a colocar o saber apreendido em atuação, o que possibilitou a mesma, em fase de conclusão do curso, atuar na escola particular Santa Monica. Apesar de oferecer para os alunos uma estrutura física melhor os primeiros embates logo surgiram, pois a coordenadora escolar, segundo a entrevistada, possuía uma linha tecnicista de formação educacional e a professora Jacir Cordeiro buscava propor no

¹⁰ Informação concedida durante a entrevista por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

ambiente de ensino uma linha de pensamento progressista, repleta de ideias relacionadas aos estudos de Piaget.

Prestes a concluir o curso e passar a possuir habilitação para ministrar aulas para “deficiente de audiocomunicação¹¹” participou de estágios de observação e de docência, ambas as aulas direcionadas para crianças surdas, á qual relembra com cuidado:

Tinha Eleny Ganini que era fonoaudióloga e trabalhava com surdos, aí disse: eu atendo aos surdos como fonoaudióloga, eu posso pegar essas crianças e levar para fazer o estágio de vocês e a gente vai vendo aonde tem mais surdos por aí na cidade. E aí a gente foi juntando os surdos, a gente tinha uns surdos, não sei se a gente conseguiu juntar uns 15, ou era mais surdos eu não lembro, só se eu visse meu caderno, aí agora a gente não tem lugar, aí a gente começou a ir atrás de lugar, em lugar e não encontrou (Depoimento da professora Jacir Cordeiro¹²).

Entretanto, um pastor de uma igreja no bairro da Prata, daqui de Campina Grande, cedeu um espaço, e o cotidiano desse espaço de estágio assim se faz narrado:

Era uma turma que eram 8, então a gente ficava, não sei se nós tomamos as 3 salas de aula, acho que foi, aí ficava 3 na sala¹³, aí ficava 2 para cozinhar, outra para limpar banheiro, fazer servente, a outra para secretária, aí pronto, a gente tinha que fazer isso para poder estagiar e assim era, e agente ficou o tempo todinho (Depoimento da professora Jacir Cordeiro¹⁴).

Quando foi na metade, em menos de 1 ano, o estágio teve que ser interrompido, pois a professora Jacir Cordeiro tinha sido acometida de pneumonia. Com o organismo muito debilidade, teve que dar continuidade ao estágio em outra turma, sem ser na mesma em que tinha iniciado. Depois de determinado tempo, quando passou esse processo de exercer a prática do estágio docente se encontrava em companhia de uma professora do curso a qual se posicionavam em

¹¹ Termo que fazia referência ao surdo na época vivenciada pela entrevistada.

¹² Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

¹³ A entrevistada faz menção às alunas que estagiavam naquele espaço.

¹⁴ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

não deixar de oferecer atendimento as crianças surdas, concordando com a necessidade de pegar essas crianças e realizar um projeto com base em uma perspectiva de cunho social, então:

Quando passou tudo isso, a gente se reuniu, aí disse a gente pegou essas crianças (a gente tinha que comprar tudo, comprar caderno, papel ofício) aí a gente não podia deixar esses meninos sem atendimento que é até desonesto, para com eles, a gente vai ter que continuar com esses meninos na escolaridade deles porque a gente estava vendo que eles precisavam né, que eram pessoas que viviam totalmente jogados, que a família não acreditava, porque era surdo, tinha uns que além de surdos tinham problemas sociais, mas a gente tinha que ter responsabilidade com essa turma (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ¹⁵).

E, a partir disso, com o apoio da professora Margarida Rocha, que ministrava a componente curricular de Organização Social e Política Brasileira- OSPB¹⁶, ao ver o projeto que tinha sido iniciado se propôs a prestar auxílio para que fosse dada a devida continuidade, como é narrado pela professora Jacir Cordeiro:

Quando fui atrás da professora Margarida, aí ela disse: Eu posso alugar uma casa, para poder colocar essa escola, mas só posso contratar uma pessoa, mais de uma não, as outras se quiser tem que ser voluntária, posso contratar uma merendeira também (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ¹⁷).

Deste modo, se fazendo acontecer o projeto da primeira escola para surdos da cidade de Campina Grande, com parceria do pró-reitor Sebastião Vieira da UFPB, a qual cedeu uma casa de sua posse para que a prefeitura pudesse alugar, tendo a frente a professora Margarida Rocha, que além de lecionar na UFPB era também Secretária de Educação do município de Campina Grande. Sendo assim, se fazendo iniciado o projeto no endereço da Rua Rodrigues Alves, 137, no bairro da Prata, onde atualmente funciona um estabelecimento comercial.

¹⁵ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

¹⁶ Disciplina obrigatória no período que corresponde aos anos de Ditadura Militar no Brasil.

¹⁷ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

Assim, com o espaço estabelecido, a princípio se buscou trabalhar as metodologias educacionais de comunicação, que de acordo com a época era desenvolvida por meio da linha de aprendizagem da Comunicação Total, como nos relata a entrevistada: “Ai a gente foi, aqui e acolá, e o método da gente era a comunicação total, que toda forma de comunicação era boa a gente aceitava, mas não tinha Libras, nem os meninos tinham Libras” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro¹⁸).

Segundo a professora Jacir Cordeiro, a Libras ainda não era reconhecida como língua oficial dos surdos, porém em Estados mais desenvolvidos do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, alguns trabalhos e projetos eram desenvolvidos para buscar praticar um modo de comunicação de maior representatividade para as pessoas surdas e a comunidade de surdos.

Apesar de existirem poucos projetos locais em relação a comunicação por gestos, para docentes e discentes eram desconhecidos e com poucas divulgações, porém aos poucos alguns grupos se deslocavam a algumas cidades locais que ofereciam curso para aprender a se comunicar mediante ao uso de sinais, o que muito auxiliou para o desenvolvimento cognitivo, como se faz enfatizado pela entrevistada: “Era um campo que estávamos tomando conhecimento, aí começamos inserindo esses surdos, levando eles para Patos¹⁹ para eles começarem a aprender essa língua, porque eles não sabiam, eles tinham mímica mas não era a língua” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²⁰).

Mediante a isso, a partir de nossa realidade, quando as crianças nasciam e eram identificadas como surdas as famílias na maioria das vezes as viam como crianças possuidoras de limitações. As pessoas que viviam ao redor dessas crianças não compreendiam que por não se comunicarem oralmente poderiam desenvolver outras atividades cognitivas. Quando a professora Jacir Cordeiro e a equipe da escola começaram a ter contato com as primeiras crianças, adolescentes e adultos que frequentavam com seus familiares a escola houve um grande embate: ensinar aos familiares que esses sujeitos surdos são totalmente capazes que exercer várias

¹⁸ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

¹⁹ Município localizado no Sertão da Paraíba.

²⁰ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

atividades de ordem motora e física, deste modo, tanto os familiares quanto os próprios surdos precisavam ser reeducados na convivência cotidiana.

Os surdos chegavam de fralda com 6 anos, tomando mamadeira, porque a família criava como se eles fossem incapazes, entendeu? Eles não eram capaz de aprender, de andar, de nada, aí quando eles não andavam porque ficavam no braço ou sentado o tempo todo, porque a família achava que eles eram incapazes de tudo, sabe? Aí a gente tinha que fazer trabalho com a família também, pra mostrar que realmente eles tinham potencial para aprender, para desenvolver, para tudo. Eu lembro muito que eu tinha uma aluna que chegou lá de fralda, com uma chupeta amarrada e ela não andava, a mãe colocava ela pra ir ao banheiro mas ela tinha medo. Tinha muitos que chegavam e eram copistas mas não reconheciam nada de letras, era assim (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²¹).

O público tinha idades variadas, por serem surdas algumas pessoas viviam insolados em casa e quando souberam do serviço que a escola estava prestando a comunidade logo se interessaram, se fazendo surgir diversas pessoas, entre surdos e familiares. Buscando ensinar para todos os níveis, tanto no ensino diurno quanto ensino no período da noite, para jovens e adultos. Com o passar dos anos a escola foi crescendo em qualidade dos serviços e quantidade de pessoas, como consequência teve que passar por diversos endereços, surgindo a necessidade de se obter um espaço fixo.

De modo que, novos estudos direcionados a metodologia passaram a surgir em parceria com a UFPB para se entender o universo dos surdos e o seu modo de aprendizagem, em busca de avanços nas didáticas de ensino:

A gente foi estruturando a escola, aí a gente foi estudando, o pessoal foi estudando e trazendo novas metodologias, novos conceitos sobre quem eram os surdos, novas questões, sobre as questões metodológicas e teóricas. A gente malhava muito sabe? E a gente foi vendo que a gente tava 2 / 3 anos e os surdos não avançava, aí eu disse: Alguma coisa está errada não é ele, a gente sabia que não era ele, tinha que ser a questão metodológica, teórica, que a gente estava errada, o método de ensino, então a gente tinha que buscar, aí as pessoas começaram a se qualificar. A gente teve que aprender

²¹ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

Libras, obrigar a todo mundo a aprender Libras, aí tinham os surdos que já estavam bem estruturados em Libras e ia dá aulas pra agente para as mães, a família também não sabia Libras²², aí a gente ia estudando. Aí a gente começou estudar muito (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²³).

Ao ser convidada para além de professora atuar na direção do projeto, embora tenha demonstrado, no início algumas resistências por ser de muita responsabilidade e também por ter outro trabalho fora daquele espaço, no período da tarde. Apesar de tudo, foi indicada para passar apenas dois anos, tendo sido aceito o projeto que, além de envolver alunos, pais e funcionários, envolveu-se a si mesma, resultando em empenho e realizações profissionais.

Assim, ao chegar um momento de ser necessário partir para um espaço maior, uma sede de apoio a todos os trabalhos desenvolvidos e estabelecer vínculos mais consistentes, nos relata que:

Foi quando a gente conseguiu um terreno, era ali onde hoje é o Atacadão, aí até Cássio²⁴ na época era deputado federal (acho que era). Aí ele disse que conseguiu uma verba, aí eu disse: Cássio o dinheiro só vai dá para fazer a terra planejam, você consegue o dinheiro, mas ninguém mais vai conseguir. Era uma emenda que era para construir a Funadinha de Campina e aí a gente não queria a Funadinha, a gente queria a escola de surdos, entendeu? Porque a FUNADE²⁵ já tinha em João Pessoa, sabe? Mas assim professora a senhora sugere o que? Eu quero que seja perto da rodoviária, porque esses surdos vêm de todo canto da Paraíba, aí a gente quer perto da rodoviária, porque fica mais viável para eles chegarem na escola (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²⁶).

A narrativa registrada acima faz referência ao início da criação da Escola de Deficientes de Aúdio Comunicação- EDAC, que foi criada oficialmente no ano de 1983, com parcerias entre alunas e professoras da UFPB, com o principal objetivo de ser ter um ensino especializado para surdos, que até então não existia na cidade,

²² Quando a entrevista se refere a Libras, é relacionada a possibilidade de se comunicar por meio de gestos e sinais, e não a Língua de Sinais oficializada no país, pois isso só foi possível no ano de 2002.

²³ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

²⁴ Cássio Rodrigues da Cunha Lima advogado e político brasileiro, natural da cidade de Campina Grande.

²⁵ Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoas com Deficiência- FUNADE.

²⁶ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

e suprir a necessidade de ter uma escola referencial para estágio dos discentes da instituição.

Desse modo, com o término do contrato como diretora e a estruturação da EDAC, a professora Jacir Cordeiro passou a atuar na Secretária Municipal, no setor de Educação Especial, a qual ficava em sua responsabilidade a solicitação de transportes, material escolar, alimentação, entre outros serviços para o ministério da educação. O que estruturou parcerias da UFPB e do poder público contribuindo para que por volta do ano de 1984 ocorresse a ampliação da EDAC como escola de ensino estadual e de responsabilidade do governo do estado da Paraíba, da UFPB e da Secretária Municipal de Campina Grande.

Nos primeiros anos da EDAC, entre 1983 a 1991, a proposta de ensino-aprendizagem estava pautada no método da Oralidade, que não demonstrou contribuições para os discentes. Após esse período, durante os anos de 1991 a 1995 foi implantada a metodologia do bimodalismo com base na concepção da Comunicação Total, ainda demonstrando poucos avanços em relação ao desenvolvimento dos alunos. No ano de 1995, a metodologia do Bilinguismo abraçou mudanças significativas na evolução das atividades uma vez que:

A comunicação mediante a Língua de sinais, entre eles, dava visibilidade a sua língua e a se identificar com ela e por ela, tornavam-se visíveis na cidade, aos olhos dos outros. Os ouvintes, doravante, já não podiam vê-los " como "excluídos, na cidade", ao contrário, as pessoas surdas ousavam se apropriar do espaço público para se comunicar em sua língua, para além do espaço da escola. Elas lhes permitiam a troca de informações sobre o cotidiano da cidade, as notícias sobre acontecimentos no mundo, e, acima de tudo, podiam acompanhar a discussão sobre a criação e uso da língua de sinais. (GIANINI, 2012, p. 106)

Dessa maneira, a professora Jacir Cordeiro envolvida por palavras emocionadas, trazendo à tona suas lembranças, como foi o caso do bilinguismo, que se tornou um meio de acessibilidade ao mundo para as pessoas surdas e a comunidade de surdos, provocando positivamente auxílio na percepção e na representatividade de uma identidade própria:

A gente foi se preparando e foi vendo os surdos do bilinguismo dentro da escola, com crianças da pré-escola, e mesmo com os outros maiores, quando a gente começou a aprender, aí a gente via realmente que os surdos foram embora [...], ganharam o mundo (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²⁷).

Quando a entrevistada/ pesquisada relata que os surdos “ganharam o mundo” deixa transparecer como a EDAC foi um projeto que veio contribuir para oferecer uma sólida formação do ensino básico ao ensino profissionalizante, com apoio de outras instituições da cidade, entre escolas técnicas, que também serviram como meio de oportunidade de estágios e emprego, assistência de saúde com consultas médicas. Esses serviços partiam da condição de que os alunos não deveriam desistir dos estudos oferecidos e seguir até o fim do projeto, a qual segundo nos conta a professora Jacir Cordeiro que as aspirações escolares caminhavam em harmonia, o que seria em suas palavras: “Resultado de um trabalho em equipe” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro²⁸).

Deste modo, a memória de história de vida docente prazerosamente se faz lembrada neste lugar convencional da escola, que não muito demora para se tornar um lugar próprio. Esse espaço direcionado para os surdos revela a personalidade de uma docente no caminhar de sua carreira profissional, torna-se um lugar onde o corpo fala por si, revelando detalhes de uma personalidade própria, mediante os momentos vivenciados que ao ser registrado na memória compõem um reflexo de representatividade daquilo que já se faz pertencido: “Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõe” (CERTEAU, 2008, p. 204), compondo um “relato de vida”.

A professora Jacir Cordeiro guarda em seu arquivo pessoal imagens da sua colação de grau realizada no Teatro Municipal Severino Cabral, no ano de 1983. Na imagem a seguir podemos observar que as crianças eram as homenageadas especiais da turma, os paraninfos em particular tinham que ser crianças, assim, encontrava-se no dia da celebração com seu padrinho de formatura, seu filho.

²⁷ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

²⁸ Idem.

Figura 2 : Colação de grau do curso de Pedagogia.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Nessa outra imagem, cedida também pela professora Jacir Cordeiro, por volta do ano de 1985, a mesma se encontra diante da placa das concluintes da primeira turma de Pedagogia da UFPB, placa essa que tem seu nome, a qual se encontra com sua filha de 8 anos de idade demonstrando um gesto carinhoso.

Figura 3: Professora Jacir Cordeiro e a filha diante da placa de formatura da Turma de Pedagogia, a qual tem em destaque seu nome como uma das concluintes do curso.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

2.2 Trajetória docente: A representatividade da EaD para surdos

A educação na sua perspectiva ampla busca o desenvolvimento social dos sujeitos na busca de transformação da realidade de cada indivíduo e do mundo a qual o mesmo está inserindo. Construindo na troca de experiências entre o aprender e o vivenciar a formação de concepções em diferentes modalidades de ensino, seja presencial ou à distância. Na Educação a Distância- EaD “existe um profundo elo entre interação, interatividade e aprendizagem como ações imbricadas que precisam ser alimentadas pelas perspectivas de novas formas de saber” (RODRIGUES & OLIVEIRA, 2019,p. 79).

Por meio disto, se faz interessante evidenciar as narrativas tecidas pela professora Jacir Cordeiro, mediante seu olhar interpretativo dos fatos vivenciados em um determinado contexto social, quando de seu lugar social de coordenadora dos primeiros cursos implantados na modalidade EaD em nossa região, tendo como centro de referência a UFPB com polo na cidade de Campina Grande, cursos esses direcionados para surdos e ouvintes.

Sua narrativa vem a nos revelar que ao ser aprovada em um processo seletivo para a área de coordenação do polo de EaD, logo se encheu de expectativas por ser uma modalidade de ensino a qual poucos profissionais da educação tinham conhecimento e quando pensada para pessoas surdas era algo novo para o momento. Assim, a professora Jacir Cordeiro e outros profissionais aprovados foram a Brasília participar de uma formação de capacitação para conhecer e se especializar:

Quando eu fui selecionada estava todo mundo cego, não sabia o que era Educação a Distância, estava cega, aí somos convocadas para Brasília para formação e explicar o que era [...], lá fui eu desvendar esse mistério tão grande que era Educação a Distância (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ²⁹).

²⁹ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

Apesar de parecer algo novo como é narrado, a história da EaD no Brasil remonta desde o início do século XX, quando pessoas pertencentes as classes mais favorecidas da sociedade passaram a adotar a Educação a Distância por meio de correspondências. Nos anos de 1930, o rádio passou a ser um importante meio de se adquirir conhecimento e estudar, porém a trajetória de sucesso da EaD se fortaleceu por volta do ano de 1960 com a TV interativa, ligada ao Mistério da Cultura; alcançando seu auge no ano de 1970 com a chegada dos primeiros computadores. Entretanto, é na década de 1990 que motivações são direcionadas para as universidades federais de todo país a explorar a EaD, no contexto de propagação das TIC's no processo de expansão da educação.

Quando o Ministério da Educação buscou por meio LDB, entre outras consideráveis políticas de ensino, regulamentar a EaD pelo decreto de número 5.622/2005, estabeleceu que essa modalidade de ensino pudesse abranger espaços e alcançar públicos cada vez maiores, ao promover ações democráticas, possibilitando que a inclusão de diversos grupos de pessoas da sociedade conhecesse uma nova linguagem interativa, cultural, educacional e social. De modo que,

os avanços na educação a distância com a LDB e a Internet estão sendo notáveis. A LDB legalizou a educação a distância e a Internet lhe tirou o ar de isolamento, de atraso, de ensino de segunda classe. A interconectividade que a Internet e as redes desenvolveram nestes últimos anos está começando a revolucionar a forma de ensinar e aprender (MORAN, 2013, p.01).

Assim sendo, por volta do ano de 2006, com o apoio da UFPB foi feito em Campina Grande um polo de EaD, categoria e- Learning³⁰, oferecendo inicialmente os cursos de Pedagogia e Matemática. Cursos esses que já existiam em outras universidades da região, entre públicas e particulares, de modo presencial, no entanto, a demanda de inscritos nesses cursos no polo EaD cada vez mais surpreendia toda a equipe de envolvidos, pela quantidade de interessados e as turmas que se formavam entre surdos e ouvintes, por ser um ensino- aprendizagem com uma metodologia acessível e flexível, com recursos educacionais disponíveis

³⁰ Ensino na modalidade a distância com uso de computadores e acesso a rede de internet.

no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), definido como Moodle, um software livre e mundialmente reconhecido e aceito na EaD, oferecendo possibilidades infinitas, podendo colaborar para promover a acessibilidade em EaD mediada pela web (RODRIGUES & OLIVEIRA, 2019,p. 07).

Porém, “a maioria não sabia mexer no computador, aí houve a necessidade de ensinar para os alunos” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ³¹). De modo que, além de precisarem saber usar os computadores os discentes precisavam se sentir provocados quanto ao uso da internet uma vez que o curso tinha a modalidade de ensino vinculado aos ambientes de modo on- line. Segundo Moran (2013, p. 02):

Antes a EAD era uma atividade muito solitária e exigia muito autodisciplina. Agora com as redes a EAD continua como uma atividade individual, combinada com a possibilidade de comunicação instantânea, de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

Nesse contexto inicial, a EaD ao ser utilizada pelos discentes surdos logo se fazem surgir os primeiros desafios direcionados no tocante a linguagem presente na plataforma de aprendizagem, apesar de ser ministrados por docentes e tutores virtualmente presente e interativos, o ambiente virtual á qual acontecia as aulas cobrava maior autonomia dos surdos quanto ao domínio da língua portuguesa uma vez que “os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) constituem os ‘carros-chefes’ de plataformas digitais, em que os objetos de aprendizagem, fóruns, agendas, chats e atividades são elaborados em língua portuguesa” (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 03), se fazendo necessário atentar as necessidades do perfil desse público quanto a relação aprendizagem e linguagem, uma vez que,

os cursos de EAD disponibilizados em duas línguas, português e de sinais, podem oferecer ao aluno surdo conforto na aprendizagem e compartilhamento com os colegas ouvintes, contribuindo de modo inimaginável para a melhoria da qualidade de vida da pessoa com surdez (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 297).

³¹ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

Podendo, desta forma, satisfazer diversas necessidades ao buscar viabilizar a inclusão entre surdos e ouvintes na perspectiva de uma mesma estratégia de ensino a qual se adquire conhecimentos entre culturas e linguagens, utilizando a tecnologia aliada a EaD no compartilhamento de experiências, colaborando na acessibilidade de aprendizagem de modo comum a todos nas plataformas de ensino.

No que se refere a aplicabilidade das provas, nos cursos de formação continuada encaminhados para coordenadores, professores e tutores da EaD, era orientado que reunissem nas salas os alunos, ouvintes e surdos, com o auxílio dos tutores para ouvintes e tutores para surdos, para que fosse apresentado o material contido no CD que era disponibilizado para realização das provas. Entretanto, as dificuldades surgem, entre elas no ato de realizar as provas, pois o modo de se aplicar não se adaptava de igual modo aos dois públicos.

A gente organizava as salas e botava o telão e colocava esse computador e ia lá os surdos nessa sala com os ouvintes, aí depois as meninas veio e disse: “Oh Jacir, esse negócio não vai dá certo, porque olhe, quando a gente abre o telão, para os surdos eles pedem para repetir a questão porque eles não entenderam para ele responder na prova”. Porque ela interpretava a pergunta da prova para eles responder, aí os ouvintes param, porque eles acham interessante aquela pergunta lá em Libras, aí eu disse: “Pois é, a gente tem que pensar em uma forma para aplicar essas provas, porque quando esses menino estiverem no 3, 4, ou 5 período uns vão ficando atrás e outros vão perdendo a blocagem” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro³²).

Mediante essa preocupação por parte da equipe da coordenação e dos docentes, houve a necessidade de reorganizar as estratégias didáticas para alcançar com os alunos o objetivo esperado por meio das avaliações do conhecimento apreendido nas aulas. Objetivando a participação dos surdos em ambientes de aprendizagens virtuais, buscou-se contribuições para a aquisição da linguagem, seu aprendizado e comunicação, estimulando a construção de sua identidade nos espaços virtuais. Então, os discentes surdos foram encaminhados para o laboratório para realizar a prova com o recurso do

³² Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

computador, e os discentes ouvintes realizaria sua prova escrita, ao mesmo tempo só que em espaços diferentes, acreditando na possibilidade de que

independente de como a tecnologia vá ainda melhorar a vida do surdo, já está comprovado que o uso do computador melhora sua habilidade linguística, o que se atribui à possibilidade de comunicação por meio de diferentes ferramentas (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 295).

Os discentes surdos ficavam no laboratório de informática realizando sua prova no computador e um intérprete em Libras acompanhando para tirar as dúvidas que poderiam vir a surgir sobre as perguntas da prova. O que muito auxiliou e demonstrou bons resultados, melhores que anteriormente para ouvintes e surdos na aplicabilidade das avaliações do curso.

A gente começou a fazer essa experiência, sabe? Aí deu certo, sabe? Foi um show, então a gente pegava os surdos levava tudo para o laboratório e os ouvintes ficavam na sala de aula normal lá fazendo prova com o tutor e a gente pegava os tutores de Libras junto com os alunos, aí a gente colocava lá o nome em cada computador, então chegava e a gente colocava a distancia porque surdo é esperto né eles podiam... a gente passando pelo laboratório, as máquinas eram grande né, e tinha poucos surdos, então dava para fazer tranquilo, aí a gente fez né e foi um sucesso, o importante era eles se sentirem bem, porque eles abriam o CD deles lá, e podiam abrir 500 vezes aquela questão se ele quisesse (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ³³).

Esse modo de aplicar as provas não era o que estava sugerido pela coordenação geral dos polos, o que ao ir para Joao Pessoa entregar as provas na UFPB, a professora Jacir Cordeiro teve que explicar a nova estratégia para a aplicação de provas, a princípio a coordenadora não entendeu, houve resistência e estranhamento, porque a ideia seria seguir a demanda estabelecida pela pauta da coordenação geral. Entretanto, após realizar um teste viram que realmente esse modo de aplicação de provas seria interessante e traria melhorias, proporcionando uma grande experiência para os alunos,

³³ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

professores, tutores, coordenação e todo o polo de Campina Grande em uma mudança modelo para outros polos.

No alunato do curso de Letras/ Libras tinham pessoas surdas e ouvintes. Na busca de inclusão social na convivência de atividades do curso foi uma experiência em que os surdos interagem com os ouvintes e os ouvintes com os surdos, mediada pelo uso das tecnologias digitais foi possibilitado, igualmente, a aproximação de surdos com outras comunidades surdas, com demais pessoas surdas e com ouvintes, ampliando seu léxico cultural, seu sentimento de “pertencimento”, criando possibilidades de organização política de forma mais descentralizada e com maior abrangência espacial (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 295).

Mediante aulas de estudos por meio de livros e CD's, em determinadas componentes curriculares do curso, de acordo com o que foi sugerido pelo docente e orientado pelo tutor, se tinha uma necessidade de aprender e praticar a linguagem de sinais, garantindo maior acesso a comunicação em Libras, contribuindo para que ouvintes e surdos ao terem acesso ao ambiente virtual com o mesmo conteúdo oferecesse maiores oportunidades de inclusão digital e social. Segundo a entrevistada ocorria nas aulas momentos interessantes para se observar, como se iam se constituindo as trocas linguísticas de ambos os lados:

Houve essa troca né? Teve ouvinte que se engajou com os surdos e aprendeu Libras, e muitos surdos que não sabiam quando era a pessoa ouvinte ajudou muito ele nessa parte, que tinha para ouvintes que tinha deles que não compreendiam, nem existiam na Libras termos adequados, aí nessa troca teve um encaminhamento favorável para surdos e ouvintes. Também teve casos dos surdos não se adaptarem aos ouvintes porque tem que ter paciência né, é uma língua estrangeira para gente, a gente olha para o surdo, você não conversa com um surdo, eu vou lá para dentro você conversa e eu escuto, com o surdo não é assim, você tem que ter paciência para você poder se comunicar (Depoimento da professora Jacir Cordeiro³⁴).

Nas recordações do convívio cotidiano, a professora Jacir Cordeiro conta que os professores tinham pouco contato com os discentes, pois os docentes de

³⁴ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

cada disciplina geralmente eram vinculados no polo da UFPB. Os professores preparavam suas aulas e necessariamente podiam ou não saber Libras. Os tutores eram os profissionais que mais auxiliavam os alunos e conviviam no desenvolvimento do desempenho das aprendizagens embaladas pelas dificuldades e habilidades no decorrer do curso, participando de diversos modos nos ambientes de aprendizagem, pois na maioria das vezes, esses tutores se tornavam mediadores das pessoas surdas, podendo acontecer de “mesmo que saibam falar, a maioria comunica-se pela língua de sinais e a participação em fóruns ampliados depende de um tradutor para a língua oral, havendo sempre um mediador” (QUEVEDO, VANZIN & ULBRICHT, 2014, p. 296), se diferenciando quanto ao uso da internet pelos surdos, onde os mesmos buscam serem produtores e veiculadores de suas próprias narrativas, sem intermediações.

Assim, tinha o tutor presencial no polo em Campina Grande, a qual mantinha uma relação mais direta com os alunos. Também, tinha o tutor a distância que ficava dando assistência ao tutor presencial no polo na UFPB com a disciplina, se fazendo obrigatório aos tutores saberem libras. Os tutores acompanhavam os alunos nas aulas com o recurso da plataforma virtual, software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual do moodle, no campo de estágio.

No fluir do curso de Letras/ Libras tinha o momento da experiência do estágio, que geralmente podia ou não ser acompanhado pelo tutor, a qual auxiliava os discentes tirando dúvidas e analisando o prosseguimento das aulas. Segundo as lembranças mediada pela entrevista, observamos que: “Existia uma grande dificuldade em arrumar estágio na área de Letras/Libras para surdos e ouvintes” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro³⁵). Por ser, nesse contexto histórico, a comunicação em Libras uma língua de pouco uso nas escolas, ocorria de acontecer resistência por partes de alguns gestores escolares em não aceitar os alunos surdos como estagiários, mas mediante as formas oficiais o estágio tendia a transcorrer positivamente.

Quando era no campo de estagio, esse tutor acompanha o surdo, na escola de surdos não, quando ele iam já na escola de surdos todos lá sabiam Libras, davam aulas em Libras, os alunos eram surdos.

³⁵ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

Então era assim, tinha hora que o pessoal dizia que não podia estagiar lá, mas eu ia com o aspecto legal e diziam assim que a escola é pública não existe dono e eles tem que estagiar. Aí teve outro período que eles iam para Joao pessoa, na escola, mas era na escola de surdos em Joao Pessoa também, mas porque a gente também tinha aluno do sertão né, que também vinha para Campina e João Pessoa e o estagio vinha se cumprindo assim, tinha aluno de São Paulo, mas terminaram o curso e pagavam o estágio, normalmente (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ³⁶).

Os cursos em EaD se tornaram inicialmente algo desafiante. Mediante as ações governamentais e o envolvimento direto do Ministério da Educação na influência e no posicionamento legal no que tange o compromisso desse órgão na busca de desenvolvimentos em aspectos sociais e educacionais. Os investimentos em políticas públicas por meio da EaD passaram a abarcar domínios cada vez maiores, e de modo especial se tornou uma das possibilidades de pessoas surdas ingressar no ensino superior. Pois, os desafios estavam em envolver coordenadores, professores e tutores que tinham a responsabilidade de fazer desta modalidade de ensino e aprendizagem uma opção de qualidade, liberdade, flexibilidade e crítica na dinâmica das aulas, de inclusão social e do conhecimento, numa sala de aula virtual.

Na EaD assim foi um fato mais marcante por ser um desafio no país né, era uma educação que estava nascendo a nível de país, você não tinha experiência de você ter uma graduação sendo ministrada distância, isso era uma coisa revolucionaria e nova, o que foi mais marcante para mim, que fica de lembrança, era que esse ensino era um ensino de qualidade, isso marcou muito a gente, quando tinha avaliação do ENADE ³⁷ né, a EaD era os melhores resultados, mesmo em Matemática, mesmo no curso de Pedagogia, no curso de Letras, então os melhores resultados era de quem era aluno a distancia, se um hacker entrasse o pessoal do suporte sabia (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ³⁸).

Ao ser perguntada sobre as experiências que marcaram as vivencias na coordenação na EaD, as primeiras palavras se direcionavam para os alunos: “Ou o aluno era comprometido e responsável, ou não dava conta por causa do sistema”

³⁶ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

³⁷ Exame Nacional de Desempenho de Estudantes- ENADE

³⁸ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

(Depoimento da professora Jacir Cordeiro³⁹). O discente nessa perspectiva é transparecido na fala da professora Jacir Cordeiro, como sendo o sujeito que faz acontecer, como um dos protagonistas na construção do conhecimento, que dá sentido a convivência e o caminhar das aulas, por ser o espelho refletor das atividades planejadas e desenvolvidas pelo professor.

Diante disso, a meu ver, não podemos silenciar a trajetória docente de uma profissional que teve o seu trabalho reconhecido pelo seu destaque na cidade de Campina Grande. E, em razão disso, a memória docente é arquivo de grande valor para se pensar a construção das trocas que decorrem entre professores e alunos, como também as mudanças e transformações possíveis de acontecer no aprendizado, nos modos de vivenciar as práticas educativas. E é por meio desses testemunhos de vida que se pode eternizar as memórias do cotidiano que era inventado para com alunos, ouvintes e surdos, revelando interpretações que atravessam várias lentes. As memórias também são registros que nunca se desativam, mas, pelo contrário, em determinadas situações, tomam-se memoráveis, pois “o relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz. Pode-se compreendê-lo ao entrar na dança” (CERTEAU, 2008, p. 156).

Dos 10 anos que atuou no polo, 8 anos foram de muitas buscas e desafios, com riquíssimas recordações dos avanços tecnológicos que teve a oportunidade de vivenciar entre profissionais e alunos em sua volta, a qual por meio da EaD, algumas pessoas que não tinham nenhum contato com o mundo digital passa a ter múltiplos acessos: “Conheci colegas que nunca tinham usado nada, nem celular... hoje tem total domínio” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro⁴⁰). Assim, nesse momento vivenciado podemos observar como o mundo digital passa a estimular a vontade de aprender e conhecer as plataformas e meios de conhecimento e comunicação existentes de modo prático e democrático, como também nas vivências pessoais na comodidade de participar em diversos aspectos da vida social enquanto sujeitos do mundo tecnológico.

É na narrativa da experiência vivida desta docente que o passado se faz presente, fascinando aqueles que ouvem ao reviver o filme das trajetórias de vida

³⁹ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

⁴⁰ Idem.

que não voltam mais, mas vão colorindo as lembranças do tempo que passou com um valor raro, tornando cada momento de recordação único.

Desta maneira, é por meio das experiências profissionais que muitos saberes sociais são adquiridos com base na afetividade advinda do processo de construção simbólica. O sentimento se faz presente no método que desencadeia as representações englobadas pela docência em sua linha de conhecimento, o que pode ser justificado de como narrar se além aos fatos que foram vividos, reafirmando na memória as experiências da história de vida sobre um olhar particular e singular, em que valores, culturas, estilos de vida e representações constituem a pluralidade do enredo do recordar, tornando-se a memória infinitamente rica em manifestações.

Temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos (ALBERTI, 2004, p. 14).

A EaD se tornou um meio conveniente para pessoas surdas ao ser adequar e promover inclusão digital, na inserção de todos os sujeitos da sociedade da informação permitindo a representatividade social e cultural no processo de interação e compreensão no desenvolvimento cognitivo no processo de apreensão do conhecimento. Como nos relata a professora Jacir Cordeiro: “E hoje os surdos estão aí, mesmo o desafio de ser surdo, em uma educação que você não tá ali com o professor, mas eles conseguem e tem bom êxito dentro do curso” (Depoimento da professora Jacir Cordeiro ⁴¹).

⁴¹ Entrevista concedida por Jacir Cordeiro de Souza à pesquisadora em 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento final deste trabalho, retomo o objetivo geral desse estudo que foi dar visibilidade, a partir da memória da Professora Jacir Cordeiro, por intermédio de suas narrativas, a representatividade do olhar docente para a tecnologia digital, frente à sua valiosa experiência na EaD. Nas suas narrativas estão presentes não só sua memória docente, mediante suas vivências no ensino básico e superior para surdos, como também um pouco de sua história de vida, sua luta como mulher para chegar a um curso superior e toda sua emoção e inquietação em cada parte desse trabalho.

Nesse trabalho está registrado seu compromisso político com a educação do país e, mais especificamente relacionada à sua narrativa/memória/trajetória profissional associada a sua realização profissional em conviver com surdos na cidade de Campina Grande - PB, que contribuiu para o seu crescimento profissional, já que se lembrou, ou recordou detalhadamente do início de sua carreira docente e deixou claro que os surdos tinham pouca visibilidade na sociedade, e se lembrou também de como no transcorrer de décadas sua memória fez com que fosse registrado nesse trabalho uma história de representatividade marcada por desafios e transformações que os fazem notáveis na sociedade e no campo educacional.

De certa forma, fui movida pela minha capacidade de me apropriar dos diversos textos com os quais trabalho, desde também pelas sensações presentes em cada trecho da narrativa, pois, ao realizar a entrevista com esta docente, tive a oportunidade e o prazer de conhecer um pouco sobre as suas vivências e o seu anseio de buscar realizações pessoais na escolha de sua profissão. Em um universo tão distante da história de vida que, de uma forma ou outra, acaba sendo exigência, devido à necessidade desta docente, pude perceber como a representatividade de professora se faz contextualizada entre a conciliação dos cuidados com a educação dos filhos e a valorosa e respeitada carreira profissional.

Esta pesquisa, a meu ver sinaliza para que no campo da Tecnologia Digital da Educação ocupe lugar de destaque na historiografia concernente à memória docente da Professora Jacir Cordeiro que soube tão bem, trazer com riqueza de detalhes, uma experiência riquíssima enquanto coordenadora do polo da EaD no município de Campina grande – PB. Transformando a realidade com a inclusão digital,

nas inquietações para a representatividade dos surdos nas práticas de sociabilidade e conhecimento compartilhado. Entretanto, muito temos a pesquisar e evoluir em análises para promover cada vez habilidades necessárias.

Para o campo da Educação, temos um leque de direcionamentos para estudos com as temáticas de memória docente, EaD e tecnologia. Sendo as tecnologias digitais uma área que oferece oportunidades de valiosas análises no processo educacional mediante as trocas desenvolvidas entre a percepção física e virtual. O campo das subjetividades propõe escrever sobre as vivências do cotidiano escolar que se faziam e se fazem registradas nas memórias, nos diários, em cadernos, nos arquivos escolares, produzindo não apenas fontes para pesquisas, mas proporcionando outras possibilidades de reflexões em seus sentidos mais diversos, tanto de professores como de alunos, ouvintes e surdos.

Mediante a narrativa descrita e analisada, a docente relata revelações e ocultações, entrelaça por registros e invenções. Conta história e ficção sobre sua experiência de práticas pedagógicas promovidas, para que possamos perceber como a trajetória do feminino é caracterizada pelas práticas culturais que sempre concentram formas e modos de representatividade no cotidiano. Torna-se interessante perceber, compreender e interpretar os sentidos que cercam as invenções culturais e sociais, em suas transformações, rupturas e continuidades.

Dessa maneira, reconheço que cada pessoa tem um modo de olhar e de interpretar fatos e fontes a partir de seu lugar comum, ao proporcionar sentidos próprios de percepção para determinados acontecimentos e narrativas que variam entre um historiador e outro. Assim, “se alguém lhe perguntasse qual era o sentido de uma sonata, Beethoven, segundo se conta, a tocava de novo” (CERTEAU, 2008, p. 155). Visto que, cada pessoa que venha a escrever sobre essa mesma temática, sobre a qual me propus, possibilitará a elaboração de outros efeitos de discursos de análises de memórias e representatividades das histórias de vida de outras docentes direcionando para a perspectiva de pessoas surdas evidenciando a necessidade de olhar para outros pontos a serem explorados e valorizados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVES, Joao Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Emanuel Marcos M. (orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p.20-28.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Brasil, IBGE. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro, p.1-215, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acessado em 04 de fevereiro de 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Historial oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 6, p. 9- 25, jun. 2003.

GEANINI, Eleny. Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação. 2012. 210f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. Disponível em: http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/14413/1/ElenyG_TESE.pdf . Acessado em 14 de janeiro de 2019.

GONÇALVES, Regina Célia. **A história e o oceano da memória**: algumas reflexões. Saeculum – Revista de História, n 4/5, jan./dez. 1998/1999.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidades e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LOBATO, Lak. Afinal, quantos surdos existem no Brasil? (spoiler: ninguém sabe). **Desculpa, não ouvi!** 2018. Disponível em: <https://desculpenaoouvi.com.br/afinal-quantos-surdos-existem-no-brasil-spoiler-ninguem-sabe/>. Acessado em 03 de fevereiro de 2019.

MARTINS, Emerson. Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina. 2005. 204f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102705/259773.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MORAN, José. A integração das tecnologias na educação. In: **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 89-90

NASCIMENTO, Kathia Cilene Santos; ABREU, Hortência Gonçalves de; SANTANA, Edjane dos Santos de Jesus. EAD: Novas possibilidades educacionais para os surdos no ambiente virtual de aprendizagem. In: **Anais Eletrônicos do Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v.8, n.1, 2015, p.1-10.

O Bilinguismo: O que é? **Portal Educação**, 200? Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/o-bilinguismo-o-que-e/33865>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2019.

POKER, Rosimar Bartolini. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. Módulo teórico: UNESP, 2007.

QUEVEDO, Silvia Regina Pochmann de; VANZIN, Tarcísio; ULBRICHT, Vania Ribas. **Ambientes virtuais de aprendizagem bilíngues para surdos em EAD**. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta a Distância, São Paulo, v. 13, Maio, 2014. Disponível em: http://seer.abed.net.br/edicoes/2014/07_ambientes_virtuais_de_aprendizado_pt.pdf. Acessado em: 15 de março de 2019.

RODRIGUES, Vanessa Elisabete Raue; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Pressupostos pedagógicos nos ambientes virtuais: Apontamentos da**

educação superior a distância. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta a Distância, São Paulo, v. 16, Maio, 2017. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/283/227>. Acessado em: 15 de março de 2019.

SABINO, Alexssandro Barbosa. História e memória da educação da EDAC: Práticas de cultura escolar no contexto da educação de Campina Grande (1990- 2015). 2017. 40f. **TCC** (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15254/1/PDF%20-%20Alexssandro%20Barbosa%20Sabino.pdf>. Acessado em 12 de fevereiro de 2019.

STROBEL, Karin. História da educação de surdos. Florianópolis: 2009. Disponível em: < http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário para entrevista

Dados Pessoais

Nome completo:

Naturalidade:

Formação acadêmica:

Em ano começou a atuação e qual ano aposentou:

Sobre a profissão

1- Fale dos lugares de atuação profissional, antes de atuar na EAD:

2- Fatos do início da atuação no Curso Letras Libras da UFPB- EAD:

3- Episódios em destaque durante a atuação no Curso Letras Libras da UFPB- EAD, ou seja quais os desafios da coordenação da EAD:

4- Quais os acontecimentos destacáveis quando do encerramento de sua atuação no Curso Letras Libras da UFPB- EAD:

Do cotidiano, da profissão e do campo de atuação.

5- Como era a aplicabilidade de tecnologias no laboratório?

6- Como era a atuação do interprete de LIBRAS na EAD?

7- Qual o perfil dos/as discentes surdos/as das turmas da EAD?

8- Qual a importância dos/as tutores/as no laboratório?

9- Quais lembranças marcaram a carreira profissional na EAD?

10- Qual o aprendizado para além da coordenação na EAD?